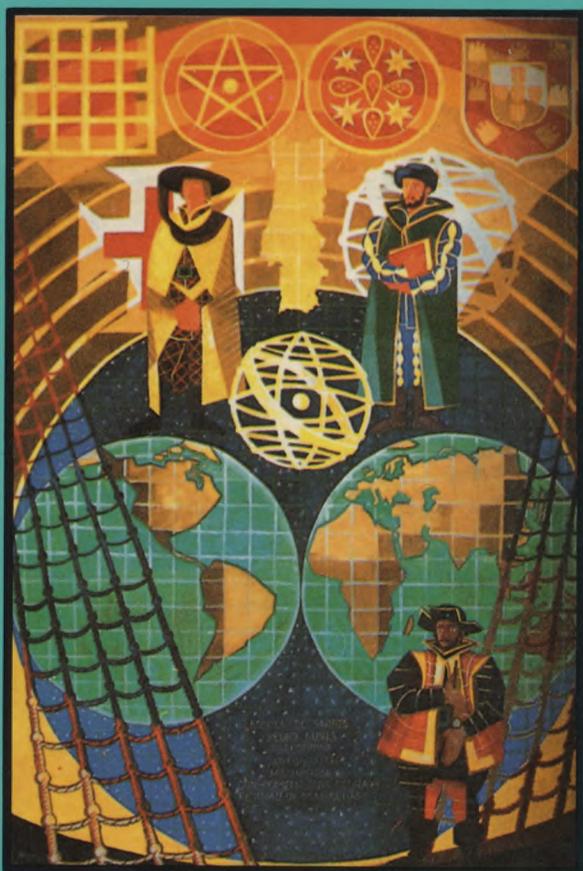


REVISTA DE HISTÓRIA DAS IDEIAS 14

DESCOBRIMENTOS, EXPANSÃO E IDENTIDADE NACIONAL



INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS

COIMBRA 1992

**BALANÇO DAS ACTIVIDADES APRESENTADO
PELO PROF. J. M. AMADO MENDES
NA SESSÃO DE ENCERRAMENTO (13/9/1991)**

Estamos a chegar ao final de uma longa jornada de análise, reflexão e crítica sobre uma temática da maior importância para nós, Portugueses, neste final do século XX, de transformações profundas e aceleradas. Com efeito, pelos "Descobrimientos" e pela "expansão e identidade nacional" passa uma parte substancial — e eu ousaria dizer, mesmo a parte mais significativa — da nossa já longa História de mais de oito séculos.

Todavia, como a cada geração compete refazer, reescrever e repensar a sua história, foi isso que procurámos levar a cabo, durante esta semana, com a prestimosa colaboração de todos. Para usar aquela bela imagem de um monge medieval — já hoje evocada pelo Dr. José Antunes —> "como anões que somos", colocámo-nos às costas de gigantes, com o intuito de enxergarmos mais ao longe.

Fizemo-lo sem irreverência desmedida, conscientes de que todo o saber é cumulativo e que jamais deveremos ser ingratos para com os que nos precederam e que, nas condições que dispuseram e limitados pelo seu contexto epocal, fizeram, certamente, o seu melhor. Contudo, fizemo-lo, igualmente, sem subserviências, hoje incompreensíveis, uma vez que aprendemos a lição transmitida pelos humanistas, em geral, e pelos nossos homens das Descobertas, em particular, que o princípio da autoridade não é válido por si mesmo e que, muitas vezes, é até necessário contrapor-lhe aquilo que a nossa própria observação, análise e pesquisa nos revela.

Através das vinte e uma lições ministradas e dos participativos e estimulantes diálogos a que deram ensejo, analisámos um conjunto de problemáticas que têm preocupado e continuam a preocupar historiadores e outros agentes de cultura, docentes e discentes,

políticos e o próprio homen com *m*. Com efeito, aquilo a que Eduardo Lourenço acaba de designar "A obsessão pelas questões de identidade — quem somos, onde estamos e para onde vamos — (...)" *Q*) continuará — e eu acrescentaria, felizmente, — a afectar-nos, aliás de forma cada vez mais premente, à medida que novas ameaças de massificação, de igualitarismos niveladores de culturas — no mau sentido — se vão perfilando no horizonte, agora com a extraordinária ajuda dos excepcionais órgãos de comunicação social e com os sofisticados processos de "marketing", mais acessíveis aos economicamente mais fortes.

Nas análises efectuadas, foi utilizada uma variada gama de perspectivas, o que, em meu entender, contribuiu para o seu enriquecimento. Assim, foram apresentadas *visões de conjunto*, quadros interpretativos gerais, sem os quais a investigação histórica não passará de erudição ou da compilação de elementos isolados, mas sem que, entre eles, se possam detectar linhas de força e inter-relações.

Enquadram-se nesta perspectiva as lições sobre os seguintes tópicos:

- Aspectos gerais dos Descobrimentos Portugueses;
- Portugal na época dos Descobrimentos;
- A ideologia da Expansão Portuguesa;
- Os Descobrimentos Portugueses e a ciência;
- A acção militar e a arte/ciência da Guerra na Expansão Portuguesa;
- A historiografia dos Descobrimentos e da Expansão Ultramarina;
- A evangelização e o direito dos homens e dos povos.

Nestes casos, privilegiando-se a análise diacrónica, foi possível recordar, rever, completar ou mesmo corrigir algumas ideias muito difundidas mas a carecerem de revisão ou de confirmação.

O contexto político, social, cultural e mental da Expansão, as motivações dessa mesma Expansão, os agentes das Descobertas, Expansão e Colonização — navegadores e homens de negócio, missionários e militares — e as consequências da acção desenvolvida por Portugal, não só internamente como para o Mundo, foram ques-

C) Eduardo Lourenço, "Portugal e a Europa", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, de 10.09.1991, p. 13.

toes estudadas e esclarecidas, à luz dos contributos da investigação histórica, recentemente enriquecida com as achegas de outras ciências.

Por outro lado, adoptando-se pontos de vista mais sincrónicos e de cariz mais marcadamente monográfico, focaram-se temas diversos e sua evolução no curto prazo (década(s)), como:

- Autonomia e identidade nacional nos Açores (2ª metade séc. XIX);
- O dilema no Atlântico nos inícios de Oitocentos;
- Raças e historia no séc. XIX;
- O conceito de decadencia fisiológica da raça;
- A ideia colonial em Portugal na transição do séc. XIX para o século XX;
- Correntes nacionalistas em inícios do séc. XX;
- A Historia (ciencia e docencia) das Descobertas na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra no período republicano;
- O Estado Novo e o Brasil;
- O *Ultimátum* inglês de 1890 e a opinião pública;
- Rumos da Expansão Portuguesa no séc. XV.

Os temas focados serviram de base e, simultaneamente, foram ponto de partida para a discussão de assuntos sempre actuais e de extraordinária relevancia para a compreensão da nossa identidade, como povo, como nação multissecular, como país europeu — pela geografia e pela cultura —, mas também africano, asiático e americano, pela historia, pelos contactos humanos, pela gesta das Descobertas, Expansão e Colonização. Gesta essa não isenta de erros — como toda a obra humana — mas, também, recheada de espírito de sacrifício, de doação, de compreensão do outro, peculiaridades que têm feito do português, em Portugal como no estrangeiro, um colaborador apreciado, pela dedicação e persistência com que tem desempenhado as suas funções.

Conceitos e preconceitos, mitos e ideologias puderam ser discutidos, verificando-se, por um lado, que as persistências se encontram, frequentemente tão presentes como as mudanças e, por outro lado, que as inovações o são, por vezes, menos do que julgam os seus protagonistas. É que, muitas vezes, antecedentes e raízes das ditas inovações são possíveis de identificar, às vezes com décadas ou séculos de antecipação.

Analisaram-se aspectos concretos do quotidiano e da civilização material — como os barcos das Descobertas ou a alimentação a bordo

—> mas também não foram esquecidos outros vectores mais abstractos e de difícil interpretação e apreensão, mas nem por isso menos importantes. Situam-se, a este nível, as questões levantadas referentes à ideologia, à mentalidade e à memória histórica.

Chamou-se a atenção para alguns mitos, difíceis de eliminar mas que, mesmo assim, convirá identificar e ter presentes como tais: a tão propalada mas, efectivamente, inexistente "Escola de Sagres" ou "o espírito de cruzada", como móbil único da Expansão, são apenas dois exemplos dos referidos mitos. Todavia, e ainda deste ponto de vista, não será, por certo, menos mítico interpretar — a exemplo do que também já se tem feito — como única motivação das Descobertas as motivações de ordem material? Então, como hoje, espírito e matéria são realidades complementares, integradoras e indissociáveis, o que, afinal, contribui para dar mais sentido à acção humana.

Através das lições, como através dos debates que se lhes seguiram, foi possível apercebermo-nos de uma tríplice situação, no que se refere às temáticas em presença.

- 1) Dispomos hoje de um acervo de conhecimentos que são geralmente aceites e sobre os quais não haverá muito a acrescentar. Refiro-me, em especial, a uma enormíssima série de eventos — sua cronologia e intervenientes mais notáveis — que se sucederam, a partir de 1415 e, praticamente, até à actualidade;
- 2) Noutros casos, há que discutir teorias, repensar ou eventualmente refutar interpretações, sem perder de vista os novos contributos das ciências históricas, em particular, e das ciências humanas e sociais, em geral. Não se devem ainda esquecer mesmo as ciências que obedecem a outros paradigmas, para utilizar a conhecida expressão de Kuhn (2).
 - a explicação monocausal das Descobertas;
 - chamada política de sigilo;
 - a relevância do franciscanismo;
 - o primado (ou não) do espírito mercantil ou do espírito cruzadístico são assuntos que cabem neste âmbito.

(2) Thomas S. Kuhn, *La structure des révolutions scientifiques* (trad, do inglês), Paris, Flammarion, 1972, *passim*.

- 3) Noutros casos, há que prosseguir a investigação sobre:
- o efectivo contributo dos portugueses para o desenvolvimento do espírito científico moderno, pela via do empirismo e da análise do concreto, elemento essencial — ainda que não suficiente — de todo o método científico;
 - muito há a fazer, igualmente, no domínio da biografia e da prosopografia no campo da Expansão e da Colonização. Além dos nomes mais sonantes e mais conhecidos — que todos fixamos desde a instrução primária —, há muitos outros, cuja acção foi também importante, mas que uma certa historiografia — ainda eivada de alguma perspectiva elitista (também no mau sentido) — tem mantido no anonimato;
 - como já vamos conhecendo razoavelmente — ainda que seja sempre útil aprofundar e rever a investigação já efectuada — o período áureo da Expansão (século XV-inícios do XVI), parece do maior interesse aprofundar em períodos subsequentes, no que se refere à Colonização, em geral, mas também a aspectos mais específicos:
 - *evangelização e ensino;*
 - *administração;*
 - *desenvolvimento económico;*
 - *transportes e comunicações;*
 - *acção militar;*
 - *sociabilidade multirracial;*
 - *mobilidade social associada à colonização, etc.*

Tivemos contributos importantes em alguns destes domínios. Também a questão da identidade nacional, relacionada com a colonização, a emigração e a imigração deverá ser aprofundada. No que se reporta a todas as temáticas, não interessa somente aprofundar a investigação, interesse não menor reside em fazer chegar os resultados dessa investigação ao grande público e, muito especialmente, à população envolvida no processo educativo, docentes, discentes e estruturas que têm a seu cargo a política da educação. É que a nossa memória colectiva, a nossa memória histórica — elementos estruturantes da identidade nacional — passa, em grande medida, pelos referidos agentes e intervenientes no processo da formação do homem, como cidadão, e de um modo geral, dos próprios recursos humanos.

Para finalizar, eu permitir-me-ia efectuar uma citação de Eduardo Lourenço, que é constituída pelos dois últimos parágrafos de um artigo já publicado no decorrer deste "Curso de Verão" (3), intitulado "Portugal e a Europa: a nova mitologia cultural". Na sequência da alusão à identidade nacional já atrás referida, escreve Eduardo Lourenço:

"É verdade que a identidade — seja dos povos, seja dos indivíduos — não é um estado, uma mania de ser indiferente à História, ao tempo, ao conflito com o mundo e os outros. Um povo é a sua História. A de Portugal é suficientemente distinta e singular para que sejam tidos como infundados todos os receios de nos fundir sem deixar traço, na hipotética hibernação (4) que chamamos Europa. Qualquer que venha a ser o futuro europeu, tanto quanto é razoável imaginar, uma nação tão intimamente coesa como Portugal está vocacionada para a diferença numa Europa que não pode ser outra coisa que uma Europa como convergência das diferenças que a constituem. Mas esta dimensão europeia de Portugal, queiramo-lo ou não, inaugura uma nova aventura do povo português, mais habituado a agir só do que acompanhado".

E conclui o autor: "Mas nós já sabemos como se parte do cais sem nunca o largar"(5).

Por último, não gostaria de terminar esta minha última intervenção sem reiterar aqui, em nome da *Comissão Organizadora* deste "II Curso de Verão", todo o nosso reconhecimento e gratidão pelos diversos apoios prestados, sem os quais a realização deste evento não teria sido possível.

Assim, permito-me destacar:

- Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses;
- Secretaria de Estado da Reforma Educativa;
- Fundação Calouste Gulbenkian;
- Câmara Municipal de Anadia;
- Secretaria de Estado da Cultura;
- Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica;
- Câmara Municipal de Coimbra;

(3) Cfr. *supra*, nota 1.

(4) No texto, por certo devido a gralha, lê-se "hipernação".

(5) Eduardo Lourenço, artigo citado na nota 1, p. 13.

- Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa;
- Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra que, inclusivamente, se disponibilizou para publicar as lições proferidas durante este curso;
- Livraria Minerva;
- Todas as pessoas que colaboraram com a Comissão Organizadora, sem esquecer os(as) Funcionários(as) dos Institutos aos quais pertencem os elementos da dita Comissão;
- Por último mas não menos significativo foi o apoio dado por todos os Participantes, sem o qual, obviamente, esta realização não teria feito qualquer sentido.